Da altura dos gritos

Título
Da altura dos gritos
Copyright © 2021 *by* Patricia Ermel
Todos os direitos reservados

Capa e Projeto Gráfico
Silvinha Amélia
silvinhamelia.com

Revisão
Denise Malta de Andrade
pulsaodescrita.com

Editor
Eduardo Guimarães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Paula Cechinel CRB-8/9062

E71a Ermel, Patricia
Da altura dos gritos/Patricia Ermel
São Paulo: Fábrica de cânones, 2021.

ISBN 978-65-990753-2-2

1. Contos brasileiros. 2. Ficção. I. Título.

CDD 869.35

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 86, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo - SP – Brasil
(11) 98338-2314

www.fabricadecanones.com.br

Patricia Ermel

Da altura dos gritos

1ª edição

Fábrica
de cânones

À minha filha, à minha mãe e ao meu pai,

e a todo estranhamento que o lugar da mulher pode deslocar.

antigamente
diziam: cuidado,
as paredes têm ouvidos
então
falávamos baixo
nos policiávamos
hoje
as coisas mudaram
os ouvidos têm paredes
de nada
adianta
Gritar

Rui Proença

A vida é o que acontece entre o primeiro e o último grito

Fernanda Young tentando se lembrar de Kierkegaard
em entrevista a Antônio Abujamra

Latinha de biscoitos 15
Ovo de coruja 21
Silício 31
Cheiro de bunda 39
Intruso? 47
Queda livre 51
Bicho 57
Revirar 65
Aranha 71
Carne 77
O Urso 87
Ralo 111
Anestesia 117
Muletas 139
Casamento 149
Choro 159

Este é meu corpo. Atravessado por algumas experiências. Talvez converse com as suas, talvez não. Neste instante eu o entrego às possibilidades e referências de cada leitura. Se você deseja saber se o que está posto aconteceu, posso dizer: a reconstituição da verdade também passa pela capacidade de imaginar o que escapa. Se este corpo traduz temas importantes para um café ou um debate maior, estou à disposição, ainda que não habite mais o que lhe está sendo entregue.

Boa viagem.

Este corpo, agora, é nosso.

Latinha de biscoitos

Não quero subir naquele elevador até o décimo sexto andar. Não quero chegar naquela casa. Resisto. Tento controlar a memória, ir a outros corredores, outras casas, quem sabe uma própria com as parcelas quitadas. Mas não. Estou no décimo sexto andar e o apartamento é alugado. Minha autonomia com seis anos.

No quarto dos meus pais a janela está aberta. Eu sei porque acordei com os gritos depois do estampido. O irmão mais velho não quer me acompanhar, está com sono. Deve ser de madrugada, ainda está escuro e caí do beliche — o irmão menor se assustou no berço. O pequeno tem quase dois e está de mãos dadas comigo segurando o ursinho. Minha mãe é bonita,
seus cabelos
voam.

O vento levanta as cortinas como nos filmes de medo. Olho para o armário e tem buracos. Eu sei que não são de bicho, mas dos estampidos. Eu sei, ele bebe. Eu sei, meu pai tem um revólver. Ele grita e diz que vai pegar. Sei, porque fica em uma latinha suíça de biscoitos amanteigados. Uma latinha marrom e bege com um menininho de chapéu e suspensório verde. Queria

colocar minhas bonecas nela. Ouvi a latinha sendo remexida um pouco antes. Minha mãe chora, me aproximo.

— Filha, presta atenção. Não dá mais. Não dá mais pra viver assim. Vamos pular todos juntos da janela. Não quero que ninguém fique aqui pra sofrer.

Olhei para a janela de novo. Seria incrível se o Peter Pan viesse com o pó de pirlimpimpim e nos levasse para a Terra do Nunca. Tinha que responder alguma coisa rápido, o irmão precisava dormir, poderia chorar.

— Mãe, posso terminar o primário?

Levei meu irmão para o berço. Ele pediu mamo. Mamou enquanto eu agradava o cabelinho encaracolado. Tranquei o quarto. Eles que não viessem me procurar. Estava muito cansada.

Os gritos não terminaram. Atravessaram o tempo e o espaço até habitarmos tantas casas que já não sei. Hoje eles têm a casa deles e eu a minha, mas sinto que não pertenço a lugar nenhum.

É estranho dizer, mas quando gritam, eu sei que estou em casa.